

PRAÇA TAMANDARÉ E A PRODUÇÃO DA MEMÓRIA URBANA: morfologia, representações e dinâmicas de ressignificação em Goiânia.

EIXO TEMÁTICO 03: Representações, Memória e Preservação do Urbano

PIRES, Lyvia Caroline

Mestra; Universidade Federal de Goiás
arq.lyviapires@gmail.com

RIBEIRO, Ana Amélia de Paula Moura

Doutora; Universidade Federal de Goiás
ana.amelia@ufg.br

CAIXETA, Eline Maria Mora Pereira

Doutora; Universidade Federal de Goiás
eline.caixeta@ufg.br

RESUMO

Este artigo analisa a Praça Tamandaré, localizada no Setor Oeste de Goiânia, como espaço de memória e representação urbana, investigando sua trajetória histórica, usos sociais e dinâmicas de ressignificação. A pesquisa parte do entendimento de que os espaços públicos constituem elementos estruturantes da vida urbana, incorporando valores simbólicos, práticas cotidianas e experiências coletivas, e desempenhando papel central na construção da memória e da identidade urbana. A pesquisa combina levantamento histórico, interpretação morfológica e análise de práticas sociais para compreender como diferentes camadas temporais e significados se sobrepõem no espaço da praça, evidenciando sua capacidade de adaptação e continuidade. Os resultados indicam que a Praça Tamandaré mantém sua relevância como espaço de sociabilidade e referência urbana, incorporando novos usos sem perder sua dimensão histórica. A sobreposição de práticas passadas e contemporâneas revela sua vitalidade, demonstrando que a permanência de um espaço urbano não se dá pela imutabilidade formal, mas pela apropriação social contínua e pela produção de novos significados. Conclui-se que a Praça Tamandaré se configura como um território de memória em constante construção, no qual permanência e transformação coexistem.

Palavras-chave: espaço público; resgate histórico; Praça Tamandaré; Setor Oeste; Goiânia.

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article analyzes Tamandaré Square, located in the West Sector of Goiânia, as a space of memory and urban representation, investigating its historical trajectory, social uses and dynamics of resignification. The research is based on the understanding that public spaces constitute structuring elements of urban life, incorporating symbolic values, daily practices and collective experiences, and playing a central role in the construction of memory and urban identity. The research combines historical survey, morphological interpretation and analysis of social practices to understand how different temporal layers and meanings overlap in the space of the square, evidencing its capacity for adaptation and continuity. The results indicate that Tamandaré Square maintains its relevance as a space of sociability and urban reference, incorporating new uses without losing its historical dimension. The overlapping of past and contemporary practices reveals its vitality, demonstrating that the permanence of an urban space does not occur through formal immutability, but through continuous social appropriation and the production of new meanings. It is concluded that Tamandaré Square is configured as a territory of memory in constant construction, in which permanence and transformation coexist.

Keywords: public space; historical rescue; Tamandaré Square; West Sector; Goiânia.

RESUMEN

Este artículo analiza la Plaza Tamandé, situada en el Sector Oeste de Goiânia, como un espacio de memoria y representación urbana, investigando su trayectoria histórica, usos sociales y dinámicas de resignificación. La investigación se basa en la comprensión de que los espacios públicos constituyen elementos estructuradores de la vida urbana, incorporando valores simbólicos, prácticas cotidianas y experiencias colectivas, y desempeñando un papel central en la construcción de la memoria y la identidad urbana. La investigación combina encuestas históricas, interpretación morfológica y análisis de prácticas sociales para entender cómo diferentes capas temporales y significados se solapan en el espacio del cuadrado, evidenciando su capacidad de adaptación y continuidad. Los resultados indican que la Plaza Tamandaré mantiene su relevancia como espacio de sociabilidad y referencia urbana, incorporando nuevos usos sin perder su dimensión histórica. La superposición de prácticas pasadas y contemporáneas revela su vitalidad, demostrando que la permanencia de un espacio urbano no ocurre mediante la inmutabilidad formal, sino mediante la apropiación social continua y la producción de nuevos significados. Se concluye que la Plaza Tamandaré está configurada como un territorio de memoria en construcción constante, en el que coexisten permanencia y transformación.

Palabras clave: espacio público; rescate histórico; Plaza Tamandaré; Sector Oeste; Goiânia.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

A cidade, enquanto construção histórica e social, materializa relações que extrapolam sua dimensão física, incorporando significados simbólicos, práticas cotidianas e disputas por memória e identidade. Nesse contexto, os espaços públicos — especialmente as praças — configuram-se como elementos privilegiados para a análise das dinâmicas urbanas, pois condensam formas, usos e representações que se transformam ao longo do tempo.

A compreensão do espaço urbano exige ultrapassar sua leitura estritamente física, reconhecendo-o como uma construção social resultante da articulação entre práticas, relações e processos históricos que nele se materializam, conforme aponta Santos (2004). Nessa perspectiva, o espaço não se limita a um suporte neutro de atividades humanas, mas constitui-se como um ativo de produção de sentidos, continuamente apropriado, transformado e ressignificado pelos sujeitos que o vivenciam.

No âmbito dessa discussão, as praças destacam-se como elementos privilegiados da estrutura urbana, na medida em que condensam, em sua materialidade, múltiplas formas de uso e apropriações sociais. Esses espaços não apenas viabilizam a convivência e o encontro, mas também incorporam práticas culturais, modos de vida e experiências coletivas, configurando-se como territórios nos quais se constroem vínculos simbólicos e se sedimentam referências identitárias (Lamas, 2004).

Dessa forma, a relevância das praças ultrapassa sua dimensão funcional, devendo ser compreendidas a partir de sua capacidade de expressar e produzir significados no contexto urbano. Ao abrigarem práticas sociais diversas e acumularem camadas históricas, esses espaços tornam-se fundamentais na constituição da memória coletiva, contribuindo para a construção da identidade urbana e para a qualificação das experiências cotidianas da cidade.

No contexto de Goiânia, cidade planejada sob ideais modernizadores e fortemente marcada por processos de expansão e valorização imobiliária, os espaços públicos desempenham papel central na constituição das centralidades urbanas e na construção de imaginários coletivos. Entre eles, a Praça Tamandaré, localizada no Setor Oeste, destaca-se por sua trajetória singular, articulando projeto urbanístico, apropriações sociais e sucessivas reconfigurações espaciais.

PENSAR FORA DO EIXO

Este artigo tem como objetivo analisar a Praça Tamandaré como lugar de memória e representação urbana, buscando compreender como diferentes registros — técnicos, visuais e narrativos — contribuem para a construção de seus significados ao longo do tempo. A partir dessa perspectiva, tem como propósito central a reconstituição da memória urbana associada a esse espaço, tomando como base a análise de fontes documentais que permitem compreender as transformações ocorridas ao longo do tempo.

O estudo investiga como a praça se constitui como um espaço de disputas simbólicas, onde diferentes temporalidades e usos se sobrepõem, revelando processos de valorização, ressignificação e, em alguns casos, apagamentos de determinadas experiências urbanas. Ao longo de sua trajetória, a praça consolidou-se como elemento articulador de práticas sociais, extrapolando a escala do bairro e assumindo relevância no conjunto do tecido urbano goianiense. Sua capacidade de atrair fluxos diversos, por meio da realização de feiras e eventos, evidencia sua inserção ampliada na dinâmica urbana, alcançando públicos provenientes de outros bairros e, inclusive, de outras cidades.

A pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada na análise integrada de diferentes fontes documentais e visuais, com o objetivo de compreender as transformações da praça ao longo do tempo. Foram utilizados registros históricos, com destaque para jornais e para o Projeto de Reurbanização de 1988, documentos provenientes do acervo da Biblioteca da Secretaria Municipal de Planejamento da Prefeitura de Goiânia, fundamentais para a reconstrução interpretativa da trajetória da praça.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, a pesquisa estrutura-se em duas etapas complementares. A primeira consiste em um levantamento bibliográfico orientado à construção do referencial teórico, contemplando tanto a formação histórica de Goiânia — com ênfase no Setor Oeste —, quanto as noções de memória e identidade, entendidas como dimensões essenciais para a interpretação do papel dos espaços públicos na valorização de atributos culturais, simbólicos e funcionais. A segunda etapa volta-se à análise da Praça Tamandaré como estudo de caso. Tal abordagem, ancorada em um raciocínio indutivo, permite aprofundar a compreensão das dinâmicas específicas do objeto, ao mesmo tempo em que contribui para o debate mais amplo sobre memória urbana e produção do espaço.

1 ESPAÇO E MEMÓRIA

PENSAR FORA DO EIXO

A definição do conceito de espaço constitui-se como um campo complexo e multifacetado, cuja compreensão ultrapassa abordagens unívocas e demanda a articulação entre diferentes perspectivas teóricas. Conforme assinala Santos (2004), o espaço não pode ser compreendido como uma entidade neutra, homogênea ou meramente física, mas sim como uma instância socialmente produzida, resultante da interação dinâmica entre sistemas de objetos e sistemas de ações. Nesse sentido, o espaço é simultaneamente material e simbólico, sendo continuamente produzido, apropriado e reinterpretado à luz dos processos históricos, sociais e econômicos que o atravessam. Tal compreensão implica reconhecer que a materialidade urbana não se dissocia das práticas sociais que a constituem, configurando-se como expressão concreta das relações de poder, das dinâmicas econômicas e das formas de sociabilidade que estruturam a vida urbana.

A partir dessa perspectiva, os espaços públicos — como ruas, praças e parques — assumem papel central na materialização dessas dinâmicas, uma vez que se configuram como suportes privilegiados das práticas sociais e das manifestações coletivas. Mais do que simples elementos da estrutura urbana, esses espaços constituem-se como arenas de interação, conflito, convivência e representação, nas quais se expressam diferentes interesses, valores e modos de vida. Conforme destaca Alex (2008), os espaços públicos possuem elevada relevância sociocultural, na medida em que favorecem a construção de vínculos sociais, o exercício da cidadania e a produção de sentidos compartilhados. Nesse contexto, sua análise revela-se fundamental para a compreensão das dinâmicas urbanas contemporâneas, especialmente no que se refere à construção da identidade e da memória coletiva.

Entre as diversas tipologias de espaços públicos, a praça destaca-se como elemento estruturador da vida urbana, articulando dimensões funcionais, simbólicas e relacionais. Para Lamas (2004), trata-se de um espaço de permanência e encontro, destinado a usos diversos — desde atividades cotidianas até eventos festivos e manifestações públicas — no qual a arquitetura e o desenho urbano desempenham papel fundamental na qualificação do ambiente. A praça, nesse sentido, não se limita à sua materialidade física, mas configura-se como expressão dos valores coletivos, refletindo dimensões sociopolíticas, culturais e estéticas que contribuem para sua relevância nos centros urbanos. Sua importância histórica reside na capacidade de abrigar e potencializar práticas sociais diversas, consolidando-se como locus privilegiado de convivência e expressão coletiva (Alex, 2008).

PENSAR FORA DO EIXO

A historicidade das praças evidencia a mutabilidade de suas funções ao longo do tempo, acompanhando as transformações nas formas de organização social. Nas cidades da Grécia e da Roma antigas, esses espaços constituíam-se como arenas fundamentais para o exercício da cidadania, do debate público e da vida política. Durante a Idade Média, por sua vez, passaram a desempenhar papel associado à encenação e ao espetáculo, refletindo outras formas de sociabilidade e organização urbana. Já no período renascentista, as praças foram incorporadas às estratégias de ordenamento e embelezamento das cidades, adquirindo crescente valor simbólico e político, para além de suas funções utilitárias (De Angelis et al., 2005). Essa trajetória histórica reforça a compreensão da praça como elemento dinâmico, cuja configuração resulta da interação entre permanências e transformações, evidenciando a cidade como processo em constante construção.

Nessa perspectiva, as praças desempenham papel fundamental na constituição da vida cotidiana urbana, ao favorecerem a convivência, os encontros e a construção de vínculos sociais. Mais do que espaços físicos, configuram-se como suportes de experiências coletivas, nos quais se inscrevem práticas culturais, relações sociais e formas de apropriação que contribuem para a formação da memória e da identidade urbana (Alex, 2008). Essa dimensão experiencial do espaço permite compreendê-lo como lugar vivido, no qual se articulam percepções, afetividades e significados compartilhados, conferindo-lhe densidade simbólica e relevância social.

A articulação entre espaço e memória é aprofundada pelas contribuições de Nora (1993), ao propor o conceito de “lugares de memória”. Para o autor, tais lugares são constituídos pela inter-relação entre dimensões materiais, funcionais e simbólicas, que, em conjunto, sustentam a experiência social do espaço e sua capacidade de preservar referências do passado. A memória, nesse sentido, não se apresenta como dado fixo ou estático, mas como processo dinâmico, continuamente reelaborado, marcado pela tensão entre lembrança e esquecimento. Os “lugares de memória” emergem, portanto, como dispositivos que ancoram temporalidades distintas, permitindo a permanência de referências simbólicas em contextos de transformação social.

De modo convergente, Halbwachs (2003) enfatiza o caráter social da memória, ao afirmar que ela se constrói a partir da interação entre grupos e os espaços por eles vivenciados. Segundo o autor, a memória individual encontra-se sempre inscrita em quadros sociais que orientam e estruturam as lembranças, de modo que o espaço desempenha papel fundamental nesse processo, funcionando como suporte material das experiências coletivas. Ao se apropriarem de determinado ambiente, os

PENSAR FORA DO EIXO

grupos sociais não apenas o transformam materialmente, mas também lhe atribuem significados, projetando nele seus valores, práticas e modos de vida. Ao mesmo tempo, o espaço exerce condicionantes sobre esses grupos, configurando uma relação dialética na qual materialidade e social se influenciam mutuamente.

Essa leitura é ampliada por Le Goff (2003), ao compreender a memória coletiva como resultado de processos seletivos e, frequentemente, conflituosos, nos quais diferentes grupos disputam a definição do que deve ser lembrado ou esquecido. Nesse sentido, a memória não é neutra, mas construída a partir de relações de poder, desempenhando papel central na constituição das identidades, tanto individuais quanto coletivas. A cidade, enquanto espaço de inscrição dessas memórias, torna-se palco de disputas simbólicas, nas quais se confrontam diferentes narrativas e interpretações do passado.

Na mesma direção, Candau (2014) destaca o caráter indissociável entre memória e identidade, entendendo-as como dimensões que se constituem mutuamente. Para o autor, a memória não apenas molda os sujeitos, mas também é constantemente reinterpretada por eles, configurando uma dinâmica na qual experiências individuais e coletivas se entrelaçam. Nesse contexto, os espaços urbanos assumem papel fundamental ao funcionarem como âncoras materiais dessas memórias, possibilitando sua permanência e atualização ao longo do tempo. A identidade dos lugares, portanto, não se define apenas por suas características físicas, mas pela densidade de significados que neles se acumulam.

A construção da memória coletiva pressupõe, ainda, a articulação entre memórias individuais que, ao se conectarem em torno de referências comuns, dão origem a sentidos compartilhados. Os espaços urbanos tornam-se, assim, suportes dessa convergência, favorecendo o surgimento de vínculos afetivos, sentimentos de pertencimento e processos de identificação com o lugar. Conforme ressalta Candau (2014), a identidade dos lugares configura-se como uma unidade significativa — simultaneamente material e simbólica — que atravessa o tempo, distinguindo-se dos chamados “não-lugares”.

O conceito de “não-lugar”, formulado por Augé (2012), refere-se a espaços caracterizados pela transitoriedade, pela ausência de vínculos duradouros e pela fragilidade das relações identitárias. Ambientes como aeroportos, rodovias e grandes centros comerciais exemplificam essa condição, marcada pela circulação efêmera e pela escassez de memória coletiva. Em contraste, os espaços públicos tradicionais — como as praças — evidenciam-se como lugares de forte densidade

PENSAR FORA DO EIXO

simbólica, nos quais práticas sociais, experiências cotidianas e narrativas coletivas se consolidam ao longo do tempo, reafirmando sua importância na construção da identidade urbana.

A análise da Praça Tamandaré fundamenta-se, portanto, em uma abordagem que articula a morfologia urbana com os estudos da memória e das representações. No campo da morfologia, destacam-se as contribuições de Panerai, Castex e Depaule (1997), que compreendem a cidade como produto histórico, cuja forma resulta da sobreposição de diferentes períodos, lógicas de produção e processos de transformação. O tecido urbano, nessa perspectiva, não é apenas uma configuração física, mas um registro material das dinâmicas sociais, econômicas e políticas que o produziram. As permanências e transformações observadas na forma urbana revelam continuidades e rupturas, permitindo compreender a evolução das cidades a partir de seus elementos estruturadores, como vias, quadras e espaços públicos.

Paralelamente, os estudos de memória urbana enfatizam o papel dos espaços na construção de identidades coletivas, evidenciando que a memória não se apresenta como dado fixo, mas como processo em constante reconstrução, influenciado por disputas simbólicas e por diferentes formas de representação. Nesse contexto, dispositivos como fotografias, registros jornalísticos e práticas cotidianas assumem papel fundamental na produção e na difusão dessas memórias, contribuindo para a consolidação de narrativas sobre o espaço urbano.

As praças, nesse cenário, assumem particular relevância, por configurarem-se como espaços privilegiados de encontro, convivência e manifestação social. Ao concentrarem experiências diversas e práticas heterogêneas, funcionam como lugares nos quais se materializam tanto as dinâmicas cotidianas quanto os imaginários urbanos, constituindo-se como elementos fundamentais para a compreensão das relações entre espaço, memória e identidade na cidade contemporânea.

2 O SETOR OESTE: FORMAÇÃO E TRANSFORMAÇÕES URBANAS

A formação de Goiânia insere-se no contexto mais amplo das políticas de interiorização territorial implementadas durante o governo de Getúlio Vargas, especialmente no âmbito da chamada Marcha para o Oeste. Nesse cenário, a nova capital goiana configura-se como uma das mais expressivas experiências de planejamento urbano do século XX no Brasil, articulando, de forma complexa, intenções modernizadoras, estratégias estatais e interesses econômicos. Implantada na década de 1930 com o objetivo de substituir a antiga capital do estado, Goiânia materializou um ideário de

PENSAR FORA DO EIXO

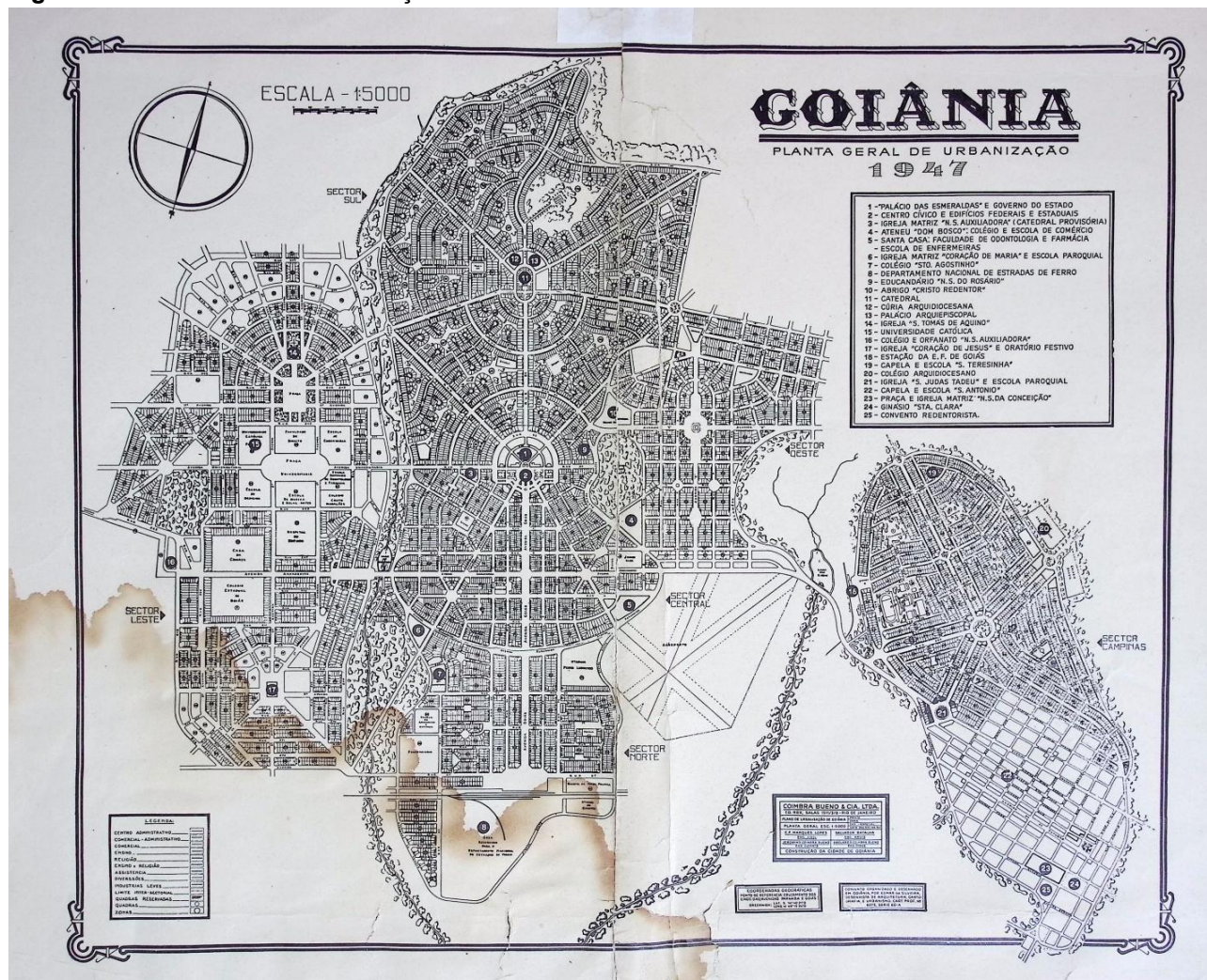
progresso fortemente associado à racionalidade técnica do planejamento urbano, evidenciando o papel do Estado como agente central na reconfiguração territorial.

Sua implantação ocorreu sobre áreas desapropriadas de antigas fazendas situadas no então município de Campinas, revelando não apenas uma operação urbanística, mas também um processo de transformação fundiária que implicou novas formas de apropriação e valorização do solo urbano. Nas primeiras décadas, prevaleceu o plano original concebido por Atílio Corrêa Lima, que delimitava a expansão urbana às zonas Central, Norte e Sul. Nesse momento inicial, o Setor Oeste figurava apenas como área de expansão potencial, ainda não incorporada de maneira efetiva ao desenho urbano consolidado. Contudo, a partir de meados da década de 1930, com a substituição do urbanista por Armando Augusto de Godoy, o plano sofreu modificações significativas, evidenciando a flexibilidade — e também as disputas — inerentes ao processo de planejamento urbano (Daher, 2017).

No que se refere especificamente ao Setor Oeste, sua concepção não integrou originalmente o plano de Godoy, tendo sido prevista como área de expansão a ser efetivada apenas após a consolidação do Setor Sul. Ainda segundo Daher (2017), sua definição projetual, inicialmente pensada para ocorrer por meio de concurso nacional, foi antecipada e conduzida por técnicos do próprio Estado, o que evidencia o caráter estratégico atribuído à expansão urbana naquele contexto. O bairro foi projetado entre 1940 e 1942 pelos técnicos José Neddermeyer e Jorge Félix — conforme cópias heliográficas do projeto, que fazem parte do Acervo Ewald Janssen — sendo oficialmente aprovado em 1947 por meio da Planta Geral de Urbanização (Figura 1). Diferentemente do previsto pelo Decreto-Lei 90-A, sua elaboração não resultou de concurso público, mas de uma produção técnica estatal, reforçando o protagonismo institucional na condução do processo urbanístico.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 1. Planta Geral de Urbanização. 1947. Coimbra Bueno & CIA. LTDA.



Fonte: Arquivo Histórico Estadual.

Embora projetada para abrigar aproximadamente 50 mil habitantes, a cidade experimentou um crescimento acelerado nas décadas subsequentes. Até o final dos anos 1940, o plano urbanístico ainda operava como referência para a ocupação e expansão urbana. No entanto, a partir da década de 1950, a intensificação do processo de urbanização — impulsionada sobretudo pela atuação do mercado imobiliário — resultou na progressiva perda de controle estatal sobre a expansão da malha urbana. A pressão de agentes privados pela liberação de novos parcelamentos conduziu à expansão para além dos limites inicialmente previstos, com destaque para a implantação do Setor Sul e, posteriormente, do Setor Oeste (Moysés et al., 2007; Oliveira; Peixoto, 2009). Esse processo evidencia a transição de um modelo de cidade fortemente planejada para uma dinâmica mais complexa, marcada pela atuação crescente do capital imobiliário.

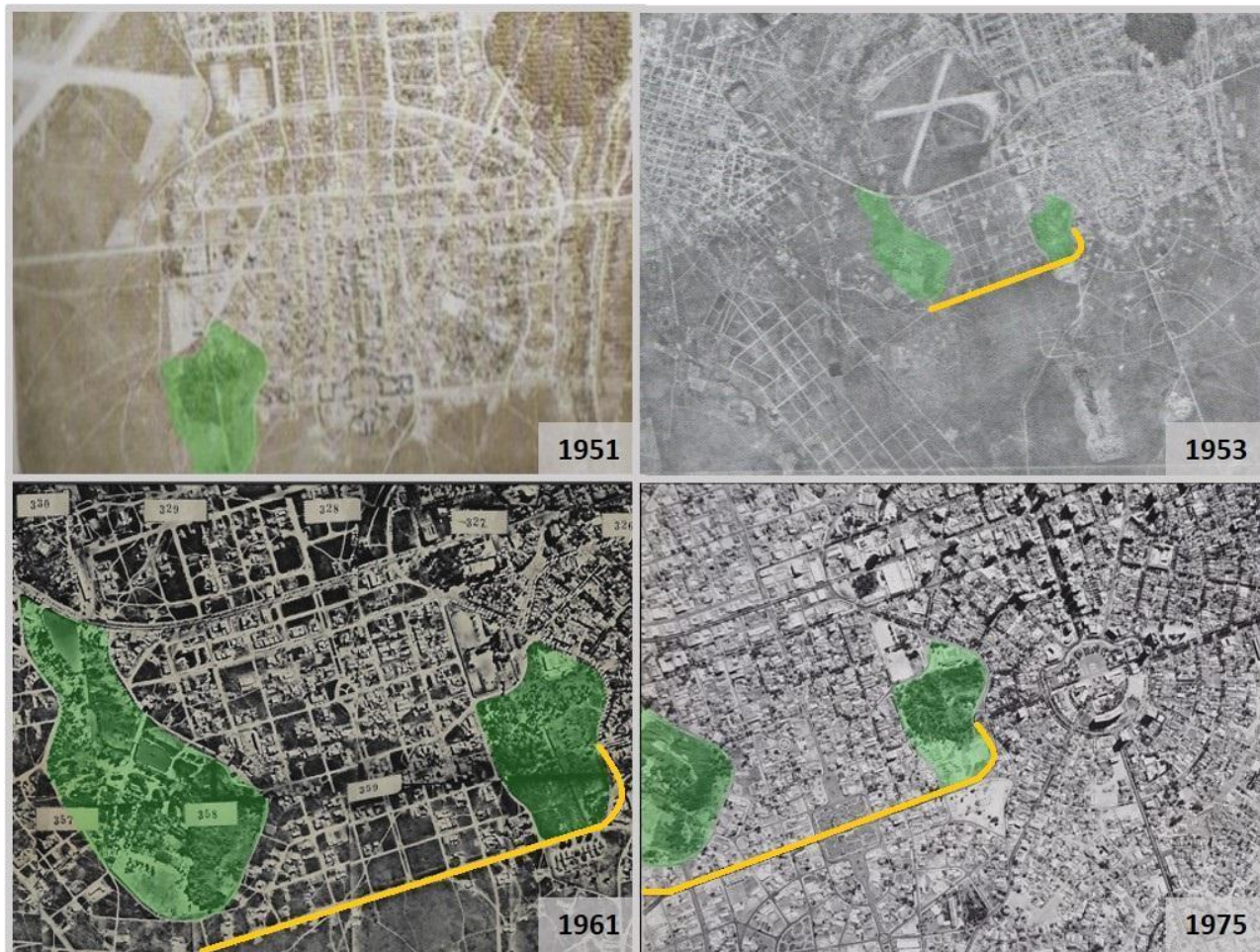
PENSAR FORA DO EIXO

Já no início da década de 1960, o Setor Oeste apresentava ocupação parcial, especialmente no trecho compreendido entre as avenidas Assis Chateaubriand e Anhanguera, articulando-se aos parques Bosque dos Buritis e Lago das Rosas, elementos estruturadores da paisagem urbana local. Em meados da década de 1970, conforme evidenciam registros aerofotogramétricos, o bairro encontrava-se amplamente urbanizado, com a ocupação estendendo-se até as avenidas D e 85, o que indica a rápida consolidação de sua malha urbana.

A análise das imagens abaixo (Figura 2) permite compreender que a ocupação do Setor Oeste ocorreu de forma gradual e espacialmente desigual. Inicialmente, a urbanização concentrou-se nas áreas mais próximas aos setores já consolidados, como o Setor Central e o Setor Aeroporto, especialmente na porção situada ao sul da Avenida Assis Chateaubriand. Posteriormente, a ocupação avançou para as áreas ao norte dessa via, acompanhando um processo semelhante no que diz respeito à verticalização. Esse padrão evidencia a estreita relação entre infraestrutura existente, acessibilidade e valorização imobiliária na definição das dinâmicas de ocupação, reforçando a ideia de que a produção do espaço urbano é fortemente condicionada por fatores econômicos e locais.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 2. Fotos aéreas de Goiânia nos anos de 1951/1953/1961/1975. Destaque para os Parques Bosque dos Buritis e Lago das Rosas, em verde, e Avenida Assis Chateaubriand, em amarelo. Nota-se que em 1951, apenas o Bosque dos Buritis está assinalado na imagem.

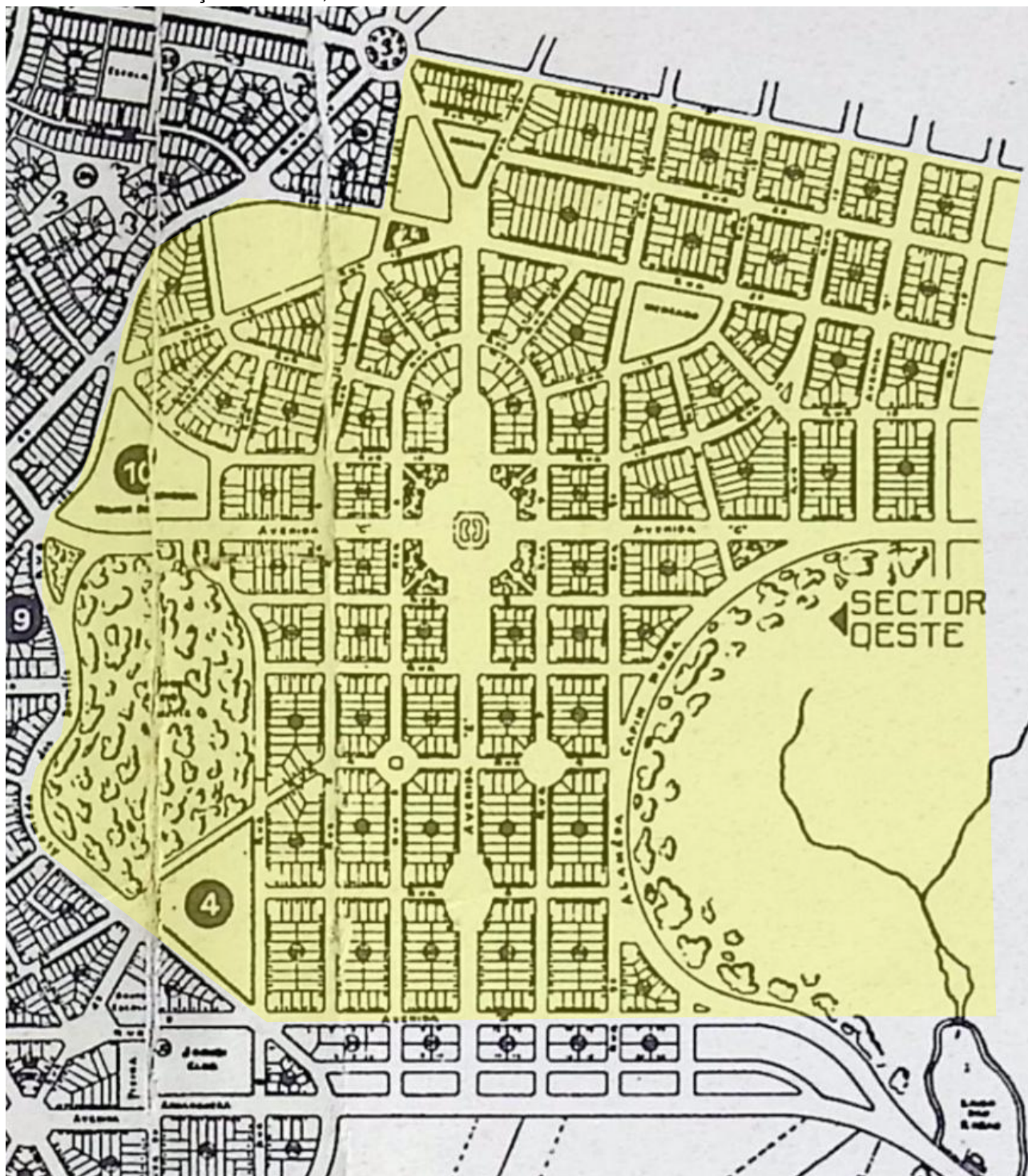


Fonte: Pires, 2025.

Do ponto de vista morfológico, o bairro apresenta um traçado que combina regularidade e fluidez, com quadras ortogonais na porção central e formas mais orgânicas e curvilíneas nas áreas de transição. O desenho urbano evidencia, como mostra o recorte do Plano de Urbanização de 1947 (Figura 3), ainda, uma preocupação com a monumentalidade dos eixos viários, especialmente das avenidas Assis Chateaubriand e República do Líbano, ao mesmo tempo em que incorpora um sistema de praças distribuídas estrategicamente, contribuindo para a qualificação dos espaços públicos e para a estruturação da paisagem urbana.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 3. Recorte da Planta Geral de Urbanização, apresentando o Setor Oeste de forma mais aproximada. 1947 com a delimitação do bairro, em amarelo. Coimbra Bueno & CIA. LTDA.



Fonte: Arquivo Histórico Estadual. Intervenções da autora.

PENSAR FORA DO EIXO

Inicialmente caracterizado por baixa densidade e uso predominantemente residencial de alto padrão, o Setor Oeste passou, a partir da década de 1980, por um processo significativo de verticalização e diversificação de usos, consolidando-se como uma das áreas mais valorizadas da cidade. O processo de verticalização, iniciado na década de 1960 e intensificado nos anos 1980, constitui, nesse sentido, um dos principais vetores de transformação morfológica do bairro (Vaz, 2002), estando diretamente associado à valorização do solo urbano e às estratégias de especulação imobiliária, frequentemente respaldadas por alterações na legislação urbanística (Oliveira; Peixoto, 2009).

Conforme observa Fernandes (2016), o aumento do interesse pelo Setor Oeste esteve também vinculado à construção de uma imagem urbana associada à qualidade de vida e à presença de áreas verdes, atributos que reforçaram sua atratividade no mercado imobiliário. Ainda assim, ao final do século XX, o bairro perdeu centralidade relativa perante novas áreas de expansão, retomando posteriormente seu protagonismo com a incorporação de empreendimentos de alto padrão alinhados às tendências contemporâneas do mercado.

Sob a perspectiva da memória urbana, a análise do Setor Oeste ultrapassa a dimensão estritamente material e incorpora também os elementos simbólicos e imateriais que conformam sua identidade. Nesse sentido, Oliveira e Peixoto (2009) destacam que a articulação entre a materialidade construída e o imaginário social permite apreender a identidade urbana, especialmente em cidades planejadas, nas quais tais dimensões nem sempre se consolidam de forma espontânea. Complementarmente, Tavares (2016) enfatiza que, nos bairros tradicionais de Goiânia, a relação entre arquitetura, cotidiano e sociabilidade desempenha papel fundamental na construção de vínculos afetivos e identitários, expressos tanto nas formas edificadas quanto nas práticas sociais que nelas se desenvolvem.

Dessa forma, o Setor Oeste pode ser compreendido como um território no qual a identidade urbana resulta de um processo contínuo de apropriação social e transformação espacial. Ainda que mantenha sua vocação residencial, o bairro apresenta significativa diversidade funcional, incorporando usos comerciais, institucionais e de serviços. Tal heterogeneidade contribui para a constituição de um espaço urbano dinâmico, no qual coexistem permanências e mudanças, evidenciando a complexidade das relações entre forma urbana, memória e práticas sociais.

3 A PRAÇA TAMANDARÉ: MEMÓRIA, REPRESENTAÇÃO E RECONFIGURAÇÃO

PENSAR FORA DO EIXO

A conformação e os usos dos espaços públicos em Goiânia, desde suas primeiras décadas, estiveram diretamente associados aos valores e ideais da modernidade que orientaram a fundação da cidade. Determinados locais assumiram centralidade na vida urbana, destacando-se como núcleos privilegiados de sociabilidade e representação coletiva. Entre eles, se sobressaem a Praça Cívica, concebida para eventos institucionais e manifestações cívicas, e a Avenida Goiás, eixo estruturador dos encontros cotidianos da população. Outros equipamentos, como a Praça do Trabalhador, o Grande Hotel de Goiânia, o Jôquei Clube de Goiás, o Café Central e o Teatro Goiânia, também desempenharam papel relevante na estruturação da vida social da capital, configurando-se como expressões materiais do projeto urbano moderno (Grande; Boaventura, 2015).

A partir da década de 1950, a expansão urbana e a formação de novos bairros, como o Setor Oeste, provocaram redistribuição das centralidades e reconfiguração dos espaços públicos tradicionais, com deslocamento progressivo de atividades do Setor Central para áreas em consolidação (Ribeiro, 2004). Esse processo evidencia a relação entre crescimento urbano, valorização fundiária e reorganização das práticas sociais no espaço.

Na década de 1970, o Setor Oeste emergiu como novo polo de atração, articulando funções residenciais e de lazer, enquanto o Setor Central perdia protagonismo. Nesse contexto, a Praça Tamandaré consolidou-se como espaço de sociabilidade, especialmente no período noturno, ao concentrar bares, restaurantes e intenso fluxo de frequentadores, operando como interface entre o público e o privado (Grande; Boaventura, 2015).

3.1 Trajetória histórica da Praça Tamandaré

A Praça Tamandaré (Figura 4), localiza-se no cruzamento das avenidas Assis Chateaubriand e República do Líbano, no Setor Oeste, importantes eixos viários de Goiânia. A Praça Tamandaré pode ser compreendida como parte de um sistema contínuo de espaços livres articulados, que se estende ao norte pela Praça do Estado da Palestina e, ao sul, pela Praça Gibran Khalil Gibran.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 4. Planta de Situação – Praça Tamandaré.



Fonte: Pires, 2025.

PENSAR FORA DO EIXO

Foi inaugurada em 24 de outubro de 1972, antes denominada praça “E”. Segundo artigo publicado no jornal *O Popular* (1977), “no referido ano a Praça passou pela transformação no que foi chamado de um primeiro ‘mini bosque’ de Goiânia, com o plantio de ‘trezentos e quarenta e oito mudas, de um total de 1.207’ mudas de árvores nativas e ornamentais”. Imagem publicada em *O Popular* de 30 de agosto de 1981 apresenta a praça já com as mudas plantadas em fase de crescimento, destacando a ação como “uma experiência que deu certo” (Figura 5).

Figura 5: Praça Tamandaré no início da década de 1980.



Fonte: O Popular, 1981. Acervo SEPLAN de Goiânia.

Até o início da década de 1980, o entorno da praça caracterizava-se predominantemente por baixa densidade e uso residencial. Entretanto, em consonância com o processo mais amplo de verticalização do Setor Oeste, observou-se rápida transformação morfológica e funcional da área, marcada pelo adensamento construtivo e diversificação dos usos do solo. Atividades comerciais e de serviços passaram a se concentrar no entorno imediato e ao longo dos principais eixos viários, reforçando a centralidade da praça.

Paralelamente, a Praça Tamandaré consolidou-se como espaço de sociabilidade juvenil. Sua configuração espacial, marcada por traçado que favorecia a circulação contínua, contribuiu para a apropriação do espaço por práticas como as corridas automobilísticas informais, os chamados

PENSAR FORA DO EIXO

“rachas”, que passaram a integrar a memória social do lugar. A presença de bares e casas noturnas no entorno — como Dom Quixote, Zero Bar, Sírius Chopp e Saloon — reforçava essa dinâmica, ampliando o papel da praça como polo de encontro e expressão cultural (Diário da Manhã, 2005a; 2005b).

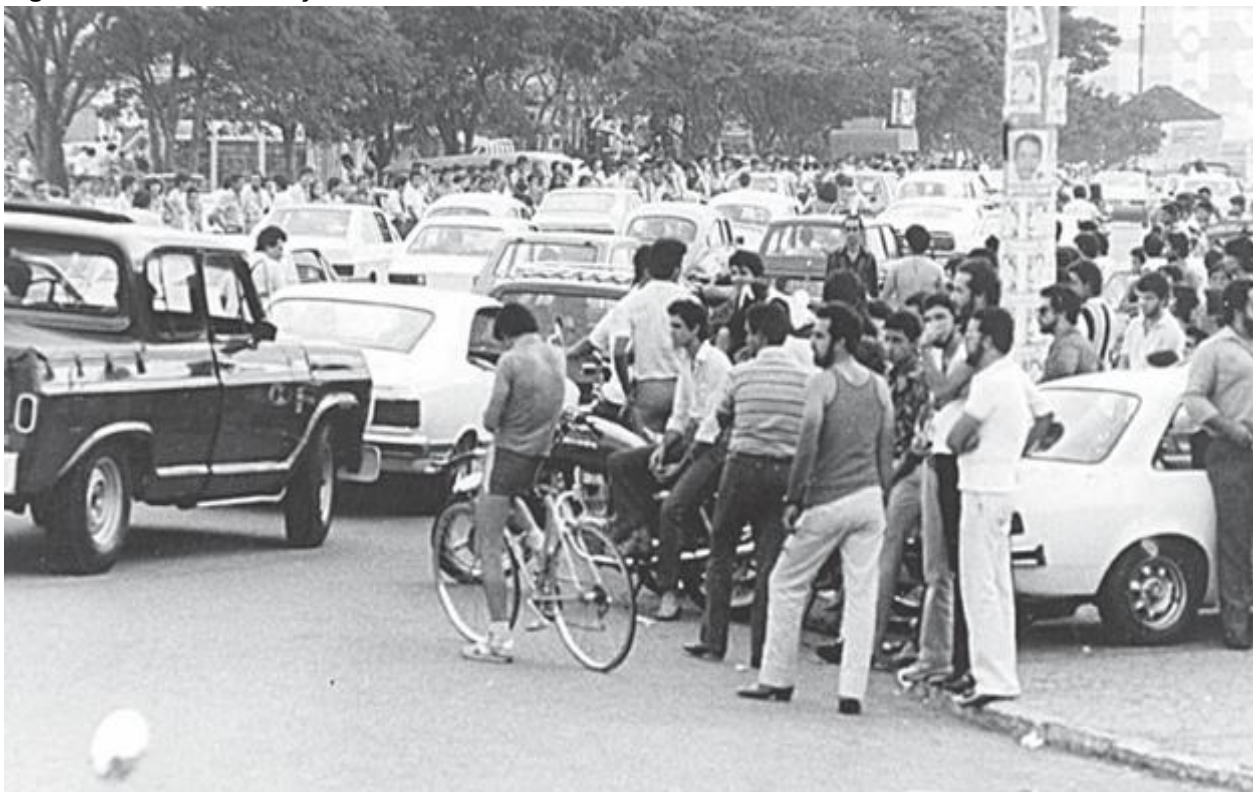
Em reportagem publicada pelo Diário da Manhã (2005a), lê-se que “a tradição de competições já vinha de uma década atrás, quando o famoso Jóquei Clube organizava corridas de cavalo na Avenida Assis Chateaubriand. Nesta época, a praça não passava de um imenso campo, onde eram armadas tendas de circo e parques de diversões”.

A Praça Tamandaré, na década de 1980, era um dos principais pontos de encontro de Goiânia e conseqüentemente, atraía grande fluxo de veículos, configurando-se também como o local de maior incidência de acidentes automobilísticos e ocorrências policiais da capital. Segundo o Memorial do Projeto desenvolvido pelo Instituto de Planejamento Municipal de Goiânia (IPLAN), para a Reurbanização da Praça Tamandaré (1988):

Isto ocorre porque no passado a praça já foi utilizada - oficialmente - para corridas de automóveis, e esse fato gerou uma certa tradição aos fins de semana [...] - tanto nos períodos noturnos como diurnos - os chamados “rachas”, que nada mais são do que corridas de automóveis. Além dessas corridas são presenciados também na praça manobras muito perigosas do tipo “cavalo de pau”. Essas corridas e essas manobras tem causado uma série interminável de acidentes, muitos com vítimas fatais.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 6. Rachas na Praça Tamandaré.



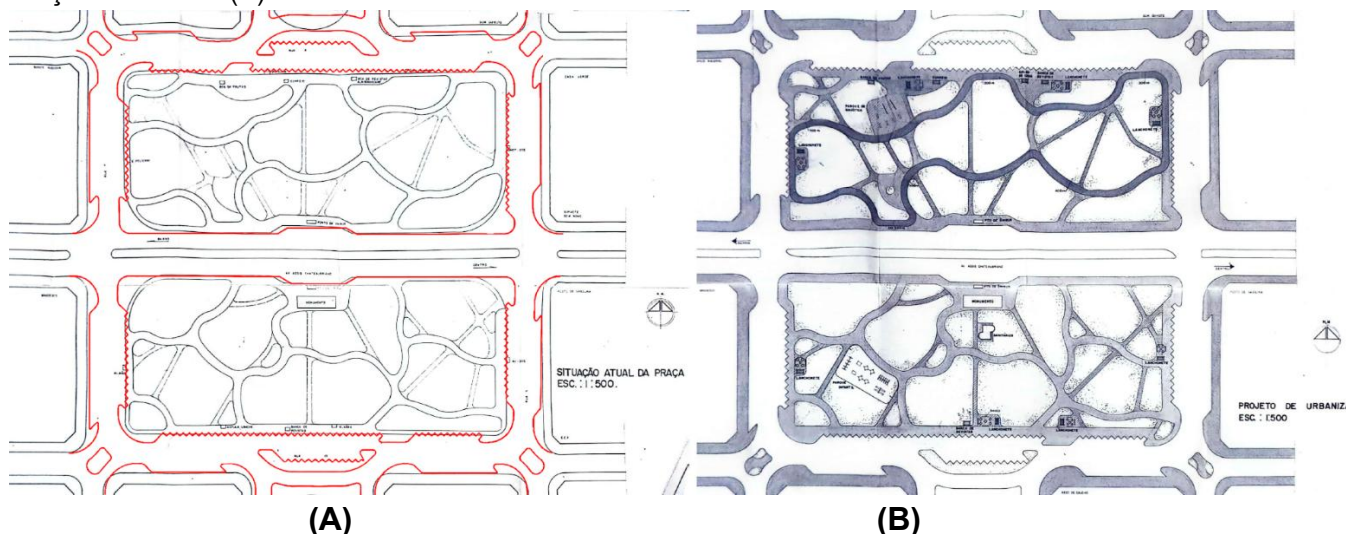
Fonte: Acervo de Carlos William/ Reprodução A Redação, 2022. Acervo SEPLAN de Goiânia.

Com o passar do tempo, a praça perdeu seu protagonismo, principalmente após a proibição das corridas de rua. O projeto idealizado pelo IPLAN (Figura 7) visava a mudança radical no traçado arquitetônico da Praça como solução para acabar com os “rachas”. Segundo a Gazeta do Povo (1988):

Acionado para viabilizar um projeto que trouxesse tranquilidade à praça, o IPLAN convidou as entidades interessadas e junto discutiram o problema e as possíveis soluções. Descartou-se a sugestão de quebra-molas, simples, mas ineficaz (e até nociva), e a ocupação de um lado da pista com estacionamento. A melhor opção, para os técnicos do IPLAN, foi transformada no projeto que vai urbanizar toda a praça, aproveitando-se a estrutura já existente. O “mar de asfalto” será reduzido, [...] com a implantação de estacionamento em escamas, nos dois lados da pista (que terá 10,30 metros de largura [...]) e a construção de ilhotas, nos cantos, impossibilitando as rodadas dos cavalos de pau. A velocidade deverá cair de 80km para menos de 50km/hora (Gazeta do Povo, 1988).

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 7. Projeto de Reurbanização da Praça Tamandaré. Praça Tamandaré com as modificações propostas pelo Iplan destacadas em vermelho (A). Proposta Final de modificação no traçado urbano da Praça Tamandaré (B).



Fonte: Acervo SEPLAN de Goiânia, modificado pelas autoras.

As mudanças tiveram como objetivo transformar a praça em um recanto de lazer, oferecendo *playground*, pista de *cooper*, parque infantil e ginástica (Diário da Manhã, 1988). O uso do entorno também se transformou, consolidando a praça como importante centro comercial, concentrando farmácias, supermercados, serviços bancários, produtos automotivos, lanchonetes e restaurantes.

3.2 Transformações morfológicas e dinâmicas urbanas

Hoje, a praça abriga uma das mais tradicionais decorações de Natal da capital. São várias atrações, como a enorme árvore de Natal e o famoso túnel de luzes (Figura 8), que é montado por cima da Avenida Assis Chateaubriand há cerca de três décadas. A praça também sedia feiras regulares e eventos sazonais, que atraem famílias de diversos pontos da cidade. A área é conhecida por abrigar aos sábados à tarde a Feira da Lua (Figura 8). Essa tradicional feira goianiense ocupa a praça com bancas de todos os tipos, oferecendo opções de gastronomia, moda, artesanato, entre outros produtos, movimentando e atraindo pessoas à região. A feira teve início em 1993, e atualmente é a segunda maior feira livre de Goiânia, contando com mais de 1.200 bancas. A praça também recebe mensalmente, aos domingos, a Feira de Antiguidades (Borges, 2013).

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 8. À esquerda, a Decoração de Natal, e à direita a Feira da Lua.



Fonte: Site Portal Serra Dourada News, 2022. Foto: Jackson Rodrigues.

Nessa perspectiva, a feira não apenas dinamiza a economia local, mas também contribui para a produção de sociabilidades e para a construção de identidades urbanas, ao constituir-se como espaço de encontro entre diferentes grupos sociais. Essa dimensão é ampliada pela realização de outros eventos, como eventos culturais e manifestações políticas, que acrescentam novas camadas de significado ao espaço e reforçam sua condição de lugar de memória e de vivência coletiva.

A praça Tamandaré modernizou-se e hoje possui uma dinâmica bastante diferente dos anos 1970 e 1980. Nesse período, destacava-se como um local destinado ao encontro da juventude, com inúmeros bares e restaurantes em seu entorno. No que diz respeito à estrutura de usos, as bordas da Praça Tamandaré caracterizam-se pela predominância de comércios e serviços diversificados. A presença de bancos, clínicas, supermercados, serviços automotivos e edifícios de uso misto conforma uma ambiência urbana marcada pela intensidade funcional e pela circulação cotidiana. Essa configuração relaciona-se diretamente à inserção da praça em eixos viários estruturadores, com destaque para as avenidas República do Líbano e Assis Chateaubriand, onde se verifica maior concentração de atividades econômicas. Nas quadras adjacentes, observa-se maior incidência de uso residencial, ainda que associado a funções comerciais, o que indica uma transição gradual entre diferentes padrões de ocupação.

Por fim, a análise articulada de registros imagéticos e documentais permite compreender a Praça Tamandaré como um espaço constituído pela sobreposição de diferentes temporalidades, no qual persistem elementos estruturantes de sua concepção original. A manutenção de sua configuração como praça-bosque (Figura 9), concebida na década de 1970, evidencia a continuidade de uma diretriz projetual que, embora ressignificada ao longo do tempo, permanece como referência

PENSAR FORA DO EIXO

identitária. Ao compararmos as Figuras 5 e 9 é possível perceber que a vegetação inserida nos anos 1980 consolidou-se ao longo das décadas, tornando-se um de seus principais atributos: a sombra e o microclima gerado são especialmente atrativos para a reunião de pessoas e caminhabilidade, tão necessária às feiras, sobretudo na cidade de Goiânia, onde o clima é quente e muito árido em boa parte do ano.

Nesse sentido, a praça pode ser interpretada como um palimpsesto urbano, no qual se inscrevem sucessivas camadas de memória, práticas e significados, reafirmando seu papel na produção e na reprodução da memória coletiva de Goiânia.

Figura 9. Vista aérea da Praça Tamandaré. Como se pode notar, a vegetação é bastante densa (praça-bosque), embora a grama não resista à estação seca, a ambiência da praça é agradável o que contribui para sua utilização pela população, sobretudo nas feiras e eventos.



Fonte: Site Curta Mais Goiânia, 2024. Foto: Fernanda Cappellesso.

3.3 Memória, representação e usos contemporâneos

A Praça Tamandaré pode ser compreendida como um espaço no qual se entrelaçam múltiplas memórias, constituídas a partir de experiências e representações diversas. Fotografias históricas,

PENSAR FORA DO EIXO

registros jornalísticos e relatos pessoais atestam sua relevância na trajetória urbana de Goiânia, evidenciando a persistência de vínculos simbólicos entre o espaço e seus usuários ao longo do tempo. Conforme argumenta Halbwachs (2003), a memória coletiva organiza-se a partir da relação indissociável entre os grupos sociais e os espaços que eles vivenciam. Nessa perspectiva, as mudanças nos modos de apropriação da praça — desde seu uso por grupos juvenis nas décadas de 1970 e 1980 até a atual predominância de práticas familiares, comerciais e eventuais — revelam a inscrição contínua de valores, práticas e significados na materialidade urbana.

Essa interpretação articula-se com a análise morfológica e funcional anteriormente apresentada, na medida em que as transformações no traçado, nos usos do entorno e na dinâmica de circulação não se limitam à dimensão física, mas incidem diretamente sobre as formas de apropriação e os sentidos atribuídos ao espaço. A coexistência entre permanências — como a manutenção da configuração de praça-bosque — e mudanças — como a intensificação das atividades comerciais, a realização de eventos e a introdução de processos de verticalização seletiva — indica que a materialidade da praça não apenas abriga, mas também condiciona e é condicionada pelas práticas sociais que nela se desenvolvem.

De modo complementar, Pierre Nora (1993) define os “lugares de memória” como suportes nos quais se condensam experiências coletivas e referências simbólicas, permitindo compreender a praça como um dispositivo de ancoragem da memória urbana. Na mesma direção, Candau (2014) destaca o caráter relacional entre memória e identidade, enquanto Augé (2012), ao propor a noção de “não-lugares”, reforça, por contraste, a especificidade de espaços como a praça, nos quais se estabelecem vínculos duradouros, sustentados por experiências compartilhadas, práticas reiteradas e formas de pertencimento coletivo.

A trajetória da Praça Tamandaré evidencia, portanto, a complexidade dos processos de produção, apropriação e ressignificação do espaço urbano. Conforme discutido ao longo da análise, diferentes práticas sociais — que variam do uso cotidiano como espaço de passagem à ocupação intensiva durante eventos como a Feira da Lua —, associadas a intervenções formais e a transformações no entorno, contribuíram para a redefinição contínua de seus significados. Esse movimento indica que a praça não deve ser compreendida como uma realidade estática, mas como uma construção histórica em permanente transformação, na qual se articulam dimensões materiais e imateriais.

Nessa perspectiva, a leitura da praça como “lugar de memória” não implica sua fixação no tempo, mas ressalta seu caráter dinâmico, marcado pela sobreposição de temporalidades e pela

PENSAR FORA DO EIXO

coexistência de permanências e mudanças — aspecto já evidenciado tanto na análise de seu traçado original quanto nas transformações morfológicas e funcionais do entorno. As camadas históricas ali inscritas são constantemente atualizadas e reinterpretadas, sendo, em determinados momentos, tensionadas por interesses diversos, o que evidencia o caráter não homogêneo da memória urbana, resultante de disputas simbólicas e de processos seletivos de rememoração e esquecimento.

A análise permite, assim, compreender que as transformações observadas na praça ultrapassam o âmbito das adaptações funcionais, expressando mudanças mais amplas nas dinâmicas urbanas e nos modos de vida. Tais transformações indicam a inserção da praça em processos contemporâneos de reestruturação urbana, nos quais se articulam valorização imobiliária, redefinição de centralidades e reconfiguração das práticas sociais no espaço público.

Dessa forma, mais do que um espaço físico delimitado, a Praça Tamandaré constitui-se como suporte material e simbólico das dinâmicas urbanas, no qual se manifestam continuidades e rupturas na história da cidade. Sua permanência como espaço de encontro, sociabilidade e representação reafirma o papel dos espaços públicos na produção da memória coletiva e na construção da identidade urbana, ao mesmo tempo em que evidencia sua capacidade de adaptação frente às transformações urbanas contemporâneas.

Por fim, ao ser compreendida como um palimpsesto urbano, a praça revela-se como um território em que diferentes tempos históricos coexistem e se entrelaçam, permitindo a leitura da cidade a partir de suas camadas sucessivas de ocupação, uso e significado. Nesse sentido, a análise da Praça Tamandaré extrapola a escala local e contribui para uma reflexão mais ampla acerca do papel dos espaços públicos na mediação entre forma urbana, práticas sociais e construção da memória nas cidades brasileiras, consolidando-se como um caso exemplar para a compreensão das relações entre morfologia, apropriação e representação no contexto urbano de Goiânia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espaços públicos desempenham papel estruturante na produção da vida urbana cotidiana, na medida em que favorecem a convivência, os encontros e a construção de relações sociais. Para além de sua dimensão funcional, constituem-se como suportes de práticas culturais e sociais que incidem diretamente na qualidade de vida dos habitantes. Nesse sentido, tais espaços configuram-

PENSAR FORA DO EIXO

se como expressões materiais e simbólicas da história urbana, incorporando valores, experiências e interações que contribuem para a constituição da identidade e da memória coletiva.

As contribuições teóricas de Halbwachs (2003), Le Goff (2003) e Candau (2014) são fundamentais para compreender a memória como um processo dinâmico, socialmente construído e continuamente reelaborado. Nessa perspectiva, a memória ultrapassa a dimensão individual, sendo constantemente reelaborada a partir das experiências coletivas e dos contextos nos quais os sujeitos estão inseridos. A relação entre praças e memória coletiva deve ser, portanto, analisada a partir da vivência cotidiana desses espaços, nos quais práticas sociais e significados simbólicos se entrelaçam, conferindo-lhes densidade histórica e cultural.

O espaço urbano, ao longo de sua trajetória, consolida marcos referenciais que funcionam como suportes da memória social, desempenhando papel decisivo na construção de identidades e no fortalecimento do sentimento de pertencimento. Contudo, à medida que a cidade se transforma e novas demandas emergem, esses espaços frequentemente passam por processos de reconfiguração que alteram suas formas, usos e dinâmicas. Em muitos casos, tais transformações podem resultar na perda de vitalidade e no esvaziamento simbólico desses lugares.

Entretanto, essa lógica não se verifica de forma plena na trajetória da Praça Tamandaré. Ao contrário, sua permanência como espaço ativo na dinâmica urbana evidencia uma capacidade contínua de adaptação e ressignificação, sem que isso implique ruptura com sua dimensão histórica. A análise de registros documentais, como recortes de jornais, imagens de diferentes períodos e o Projeto de Reurbanização de 1988, revela a sobreposição de múltiplas camadas temporais que coexistem no espaço, cada qual portadora de significados específicos.

Essa condição permite compreender a praça como um território de memória em permanente construção, no qual experiências passadas e práticas contemporâneas se articulam. Sua vitalidade manifesta-se na continuidade dos usos e na capacidade de gerar novas formas de apropriação, ao mesmo tempo em que preserva elementos estruturantes de sua identidade — como a concepção de praça-bosque, consolidada a partir das intervenções realizadas na década de 1970.

A análise da Praça Tamandaré também evidenciou que os espaços públicos podem ser simultaneamente estáveis e dinâmicos. Desde seu papel como ponto de encontro noturno e espaço de lazer juvenil nas décadas de 1970 e 1980, até sua configuração atual como local de convivência familiar e de atividades comerciais e culturais, a praça mostra-se capaz de incorporar novas funções

PENSAR FORA DO EIXO

e usos sem que isso comprometa sua dimensão simbólica e histórica. Essa sobreposição de camadas temporais reforça a compreensão de que a vitalidade urbana está diretamente ligada à apropriação social contínua e à produção de novos significados no cotidiano.

Dessa forma, a Praça Tamandaré se consolida como um espaço dinâmico e continuamente ressignificado, no qual permanências e transformações coexistem de maneira indissociável. Sua trajetória evidencia que a continuidade da relevância de um espaço urbano não se dá pela estabilidade de sua forma física, mas pela capacidade de permanecer socialmente ativo, integrando práticas antigas e contemporâneas em uma memória coletiva em constante construção.

Considerando os recortes de jornais e imagens recentes, percebe-se que a praça em estudo apresenta várias camadas de diferentes épocas e carga histórica, cada qual com sua representatividade. A praça está viva e continua gerando memórias afetivas que nutrem sua identidade urbana. A Praça Tamandaré é um espaço dinâmico que vem sendo reinventado continuamente, mantendo sua essência original e significado ao longo dos anos, como o fato de manter-se como praça-bosque, proposta em 1977. Esta tornou-se um importante espaço de memória da cidade de Goiânia devido sua vitalidade e continua impactando e gerando memórias.

REFERÊNCIAS

ALEX, Sun. **Projeto da Praça**: convívio e exclusão no espaço público. São Paulo: Editora Senac, 2008.

AUGÉ, Marc. **Não-lugares**: Introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

A REDAÇÃO. 2022. **Praça Tamandaré**: de point de festas a centro comercial de Goiânia. Goiânia, 23 de setembro de 2022.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Trad. Maria L. Ferreira. São Paulo: Contexto, 2014.

DAHER, Tânia. O Projeto Original de Goiânia. **Revista UFG**, Goiânia, v.11, n.6, 2017. Disponível em <<https://revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48233>>.

DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingos et al. **Praças**: história, usos e funções. Coleção Fundamentum. n. 15. EDUEM: Maringá, 2005.

DIÁRIO DA MANHÃ. 1988. **Tamandaré tem seu traçado reurbanizado**. Goiânia, 14 de outubro de 1988.

DIÁRIO DA MANHÃ. 2005a. **Point de rachas e desfile de jovens**. Goiânia, 01 de maio de 2005.

PENSAR FORA DO EIXO

DIÁRIO DA MANHÃ. 2005b. **Nos tempos da Tamandaré**. Goiânia, 09 de dezembro de 2005.

FERNANDES, Helloá Vicente. **Tipologias dos Edifícios de Apartamentos**: Bosque dos Buritis e Lago das Rosas. Dissertação de Mestrado em Projeto e Cidade - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em < <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6837>>.

GRANDE, Ivan Oliveira de; BOAVENTURA, Deusa Maria Rodrigues. Contradições no centro tradicional de Goiânia: usos e transformações no espaço da praça cívica e Avenida Goiás.

Revista PerCursos. Florianópolis, v. 16, n. 30, p. 74 – 98. jan./abr. 2015. Disponível em < <https://revistas.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724616302015074>>.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2003, p.29-70 e p.157-189.

INSTITUTO DE PANEJAMENTO MUNICIPAL DE GOIÂNIA. **Projeto De Reurbanização Da Praça Tamandaré**, 1988.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcias. **Morfologia Urbana e Desenho da Cidade**. Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia. Porto, 3ª Ed, 2004.

LE GOFF, Jacques. Memória. LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5 ed. Campinas: UNICAMP, 2003, p. 419-476.

MOYSÉS, Aristides; SILVA, Eduardo Rodrigues da; BORGES, Eucilene de Melo; RIBEIRO, Marcelo Gomes. Da Formação Urbana ao Empreendedorismo Imobiliário: a Nova Face da Metrópole Goianiense. Mercator - **Revista de Geografia da UFC**, Fortaleza, v. 6, n. 12, 2007.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução Yara Aun Khoury. São Paulo: **Projeto História**, n. 10, p. 7-28, 1993.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz de; PEIXOTO, Elane Ribeiro. Estudo de Bairros: Entre a Arquitetura e a História. Revista Mosaico- **Revista de História**, Goiânia, v.2, n.1, p.59-67, jul. 2009.

O POPULAR. 1977. **Espécies nativas são plantadas na Tamandaré**. Goiânia, 09 de abril de 1977.

O POPULAR. 1981. **Menos gramas e mais bosques em Goiânia**. 30 de agosto de 1981.

PANERAI, Philippe; CASTEX, Jean; DEPAULE, Jean-Charles. **Formes urbaines**: de l'îlot à la barre. Marseille: Éditions Parenthèses, 1997.

RIBEIRO, Maria Eliana Jubé. **Goiânia: os planos, a cidade e o sistema de áreas verdes**. Goiânia: Editora UCG, 2004.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**: Da crítica da Geografia a uma Geografia Crítica. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

TAVARES, Márcia Guerrante. **Materialidade e Imaterialidade na Percepção da Casa**: Análise da Influência da Verticalização em Moradias de Goiânia. Dissertação de Mestrado em Projeto e



PENSAR FORA DO EIXO

Cidade - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em
<<http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/6682>>.

VAZ, Maria Diva Araújo Coelho. **Transformação do Centro de Goiânia**: Renovação ou Reestruturação? Dissertação de Mestrado em Geografia - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2002.